

A mulher lê a realidade: escritura de autoria feminina em Cabo Verde

Simone Caputo Gomes

Pesquisadora Visitante Especial A da FAPERJ na UFRJ, Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Prof. Adjunto (aposentada) da UFF.

As noções de linguagem feminina ou mesmo de identidade feminina, enquanto construções sociais, exigem a avaliação das condições particulares e dos contextos sociais e históricos em que foram es-truturadas.

Heloísa Buarque de Hollanda

As pesquisas sobre a produção feminina, campo em que se situa o nosso trabalho, objetivam dar visibilidade e voz à historicidade das mulheres. Desenham, à luz da história das mentalidades e da história do social, uma história de olhares situados (marcados por muitos *lugares*: gênero, raça, classe, orientação sexual, geografia, etc). A perspectiva feminista concebe a construção do objeto a partir da politização do lugar de enunciação, preocupando-se em traçar uma história cultural dos espaços e das identidades femininas, assim como das modalidades de relações entre os sexos sociais.

O projeto de natureza teórico-crítica que estamos desenvolvendo no Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, como Pesquisador Visitante Especial nível A da FAPERJ, insere-se numa trajetória que tem examinado a produção literária feminina face a um processo de ampliação do campo das experiências históricas consideradas dignas de serem narradas, contribuindo para enriquecer o cânone.

Já tendo trabalhado durante algum tempo com as vozes femininas na Poesia Caboverdiana, no Brasil e no exterior, voltamo-nos agora, em *Óleo sobre tela: mulher com paisagem ao fundo*, para a prosa literária de autoria feminina em Cabo Verde, no intuito de verificar a contribuição destas vozes de mulher para uma alteração qualitativa do panorama da Literatura Caboverdiana e do processo de escrever a terra e a criouldade.

A reduzida fortuna crítica sobre o assunto e a inexistência de trabalhos acadêmicos que se dediquem a mapear a produção literária das caboverdianas têm motivado e justificado o nosso trabalho de resgatar o lado feminino do cânone, silenciado pela História da Literatura e pela crítica até os anos noventa. Cumpre ressaltar ainda a importância de que se revestem hoje algumas das Autoras a que damos relevo – como Dina Salústio, Orlanda Amarílis, Fátima Bettencourt, Sara Almeida, Vera Duarte – no panorama das Literaturas de Língua Portuguesa, na história do feminismo e nas discussões sobre caboverdianidade e/ou africanidade em solo crioulo.

Contemplando de um lugar outro a experiência, os novos sujeitos femininos desenham caminhos diferenciados para a prosa caboverdiana (ora mais lírica, ora mais contundente nas análises sociais), minando o que parecia ser um domínio da voz masculina: da Antologia da ficção caboverdiana¹ (1960, organizada por Baltazar Lopes, com 100% de texto masculino) até os dois volumes de entrevistas feitas por Michel Laban² (1992, em que Orlanda Amarílis figura ao lado de 24 escritores), o cânone demonstrava pouca abertura à autoria feminina.

Além de Orlanda, outras vozes da prosa literária caboverdiana vêm pintando verdadeiros óleos sobre tela: mulheres com paisagens ao fundo ou paisagens com mulheres ao fundo, propiciando, a partir dos deslocamentos produzidos pelo feminismo³, a assunção de temas que falam das próprias mulheres (prostituição, bruxaria, loucura, aborto, lesbianismo, entre outros), que contam a sua história e que nos permitem reconhecer as origens de crenças e práticas sociais frequentemente opressivas e estigmatizantes.

Nossa pesquisa tem procurado: (a) proceder ao mapeamento da prosa literária de autoria feminina em Cabo Verde, em suas variadas formas de expressão (conto, crônica, novela, romance, ensaio), conteúdos, posturas e processos; (b) realizar a leitura crítica dos textos, com base em fundamentação teórica atualizada e específica para a abordagem de cada caso; (c) denunciar a construção cultural das diferenças sexuais (o questionamento da identidade da mulher enquanto construída social e culturalmente no jogo das relações, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos e saberes instituintes); (d) denunciar a ideologia patriarcal que permeia e determina a constituição do cânone de série literária, operando a sua revisão; (e) desenvolver estudos interdisciplinares de gênero.

No trabalho com os alunos de Pós-Graduação da UFRJ, temos procurado alcançar os seguintes objetivos específicos: demonstrar como as obras/autoras selecionadas no *corpus* cartografam a condição feminina; identificar os principais traços /funções caracterizadores das personagens femininas e de seus universos íntimos (a casa como metáfora nuclear, os retratos de família, a descida ao mundo pessoal); mapear os retratos do cotidiano crioulo apresentados nos diferentes textos, sob uma ótica feminina, e seus traços comuns e identitários; rastrear as marcas da Cultura e da História nos textos selecionados, à luz da perspectiva interdisciplinar; observar a recorrência da Memória na construção das realidades textuais. E ainda: comprovar a força estilística da oratura/oralitura: a intromissão da linguagem cotidiana oral e do crioulo na língua literária (a *falescrita*); perceber uma relação própria da linguagem com o mundo vivido do ponto de vista feminino; comprovar a vitalidade do conto e da crônica enquanto formas/gêneros de expressão do feminino na Literatura de Cabo Verde e ainda a interpenetração e diluição destas formas e dos gêneros (narrativo, lírico) nos textos das escritoras.

A pesquisa tem contribuído para ampliar consideravelmente o cânone da prosa caboverdiana, além de sedimentar os estudos sobre a escritura literária feminina de Cabo Verde no meio acadêmico.

Quanto ao *corpus*, trabalhamos numa primeira etapa com o conto, procedendo ao exame das coletâneas de Dina Salústio (*Mornas eram as noites*⁴), Fátima Bettencourt (*Semear em pó*⁵), Maria Margarida Mascarenhas (*Levedando a ilha*⁶), Orlanda Amarílis (*Cais-do-Sodré té Salamansa, Ilhéu dos Pássaros, A Casa dos Mastros*)⁷ e Ivone Aída (*Vidas vividas*)⁸. Depois com a crônica, dando destaque a Vera Duarte (na coluna “Quotidianamente meu país”, da Revista *Mujer*⁹) e Fátima Bettencourt, que nos cedeu as cópias de onze textos publicados em jornais caboverdianos (de 1991 a 1997), que vão compor o volume *Um certo olhar*. A novela de Sara Almeida (*Depois telefone*)¹⁰ e o romance de Dina Salústio (*A louca de Serrano*)¹¹, o primeiro romance feminino na Literatura Caboverdiana de poucos romances) perfazem o terceiro bloco do *corpus* literário selecionado para a pesquisa.

No que diz respeito ao ensaio, gênero considerado como parte da atividade de pensar a Literatura e a Cultura, destacaremos textos de Dina Salústio (“Insularidade na Literatura Caboverdiana”, “*Vitreas labaredas*”, “A defesa do último recurso: interrupção voluntária da gravidez”¹²), Vera Duarte (“O escritor caboverdiano hoje”, “O Atlântico, estrada cultural, e a poesia cabo-verdiana do século XX”, “*Nascimento de um mundo*”)¹³ e Orlanda Amarílis (“Uma panorâmica da caboverdianidade pela mão de Manuel Ferreira”¹⁴) que vão “iluminar”, através do diálogo, as obras literárias escolhidas. Nossa intenção foi a de estabelecer um *corpus* variado enquanto amostragem e representativo da prosa literária feminina contemporânea em Cabo Verde.

Do conjunto de resultados esperados (alguns já comprovados na parte executada da pesquisa), podemos inferir um projeto de narrativa de autoria feminina claramente vinculado às vivências crioulas, como ressaltava Dina Salústio em entrevista de 1994, a nós concedida na cidade da Praia:

“...a necessidade de publicar as inúmeras histórias de mulheres, histórias de vida que passam por mim. (...) é cá um encontro que é verdade, um momento só (...) para querer mostrar o meu reconhecimento a estas mulheres caboverdianas que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher (...). As histórias acontecem ao sabor do vôo. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não são intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas (...) Em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher.”

Pela exigüidade do espaço (e do tempo) reservado a esta explanação, vamos apresentar alguns trechos extraídos do *corpus* que possam funcionar como pequena amostra do que foi exposto. Da modesta Dina Salústio, que não se considera escritora, mas ***uma mulher que escreve umas coisas***:

“Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima. Esperava que a qualquer momento o coração lhe perfurasse o peito, lhe rasgasse a blusa.(...) Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças. Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava! Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente.

Não. Não voltaria para casa.

O barranco olhava-a, a boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final.(...) Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás, nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder. Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a saber o que aquilo era.

À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito.

O que tinha a ver os filhos com coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhor!(...)

Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás.

Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço de sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais.”¹⁵

Os retratos de Cabo Verde (matizados pela intromissão do lírico na narrativa) são de um poderoso visualismo e de um psicologismo marcante.

“O crioulo, a partir de Junho, começa a incubar dentro de si um ser ruim, desconfiado, medroso, inseguro. E à medida que os dias passam e os meses entram e saem, os olhos ficam enviezados entre o céu e a terra, os lábios desaparecem nos encovados do rosto, resmungando por tudo e nada sobre a ingratidão das chuvas, a maldição das ilhas, os pecados cometidos. Traído, porque as nuvens maninhas mais uma vez cumpriram o seu destino de negar à terra o consolo da água, o crioulo enraivece-se contra tudo o que o rodeia. Torna-se insuportável de tão intolerante, tão feio, tão desamado.(...) Eu fujo dos meus patrícios nos meses das águas frustradas. Eu fujo de mim.(...) Somos todos uma ameaça colectiva, de tanta tristeza.(...)

Afasto-me e, no engano do sonho que me ensinaram a sonhar, vejo uma rua, uma aldeia, uma ilha, todas as ilhas regadas, verdes de chuva clara, com gargalhadas de chuva na boca dos meninos, com risos de chuva nos olhos dos homens, com o perfume da chuva nos corpos das mulheres.(...)

Depois, recuso acordar, temendo enfrentar a cidade seca, as gentes secas, os amores secos”¹⁶

No entanto, a narrativa de Dina Salústio ultrapassa o tópico da caboverdianidade para adquirir um estatuto de discurso que se coloca como reflexão sobre a questão humana:

Se eu algum dia estive presa à caboverdianidade, acho que já ultrapassei esta fase.(...) Ser caboverdiano é assumir um lado bonito, mas assumir também todos os lados horríveis (...). É uma sociedade de stress, de conflitos, porque somos de raças diferentes e pobres, pelos ciclos de fome. Mas eu não acho que sejamos diferentes, acho que todas as outras gentes têm os mesmos lados. Não tenho tido necessidade de afirmar-me como caboverdiana.(...) As nacionalidades são defesas que nos afastam das outras pessoas.¹⁷

Observemos como Fátima Bettencourt, na crônica “Do Mindelo com amor”¹⁸, retrata as memórias de suas vivências crioulas.

“Mindelo vai a pouco e pouco tornando-se um estado de espírito. Baixa uma paz sobre mim quando piso este chão e ando pelas ruas, parando metro a metro, para um abraço, uma conversa amável, às vezes um alô apenas. É a minha cidade que me abre os braços e o coração e me sinto no colo mesmo da minha mãe, acalentada e confortada, em perfeita comunhão com todos e comigo mesma.

Filha adoptiva, é como se tivesse dado coices nas suas entranhas, tenho uma dívida impagável para com esta cidade, esta ilha, estes montes pelados, esta gente indómita.

Eu sei que ela está paradona, estagnada, morta, mas as suas tardes continuam cálidas, as suas noites plenas de magia, e aquele toque de morabeza permanece intacto nas suas gentes que, às vezes, se levantam sem saber se verão o sol baixar no Monte Cara antes de pôrem uma panela de-riba-de-lume. O cati-cati de cada dia, sempre difícil, mas não a ponto de perderem o riso bom, o requebro do andar, a piada inesperada, o dito picante, a graça infinita. (...)

Bela amante adormecida (...) Quem semeará teus bairros de lares-oficinas, escolas-empresas e abrigará teus velhos, teus loucos, teus meninos sózinhos, teus artistas, tuas prostitutas ainda com a boneca escondida no travesseiro? Quem dará aos teus jovens um rumo, uma razão de viver uma vida humana bonita e sadia? (...) Quem? Quando?

Aí sim, não vou mais encolher-me para não roçar a mão estendida do mendigo; não vou evitar o boteco da esquina onde os corpos gentis de adolescentes se leiloam; não vou ver as ruas ficando desertas, as pessoas com medo de passear na Marginal nas noites quentes, os velhos parados olhando o mar, os jovens à toa, de braços caídos, a desesperança e o tédio cercando a ilha”.

Os quadros pintados pelas escritoras, em geral paisagens com mulheres ao fundo ou mulheres com paisagem ao fundo, nos possibilitam, como disse José Saramago numa bela crônica feita a propósito de Cabo Verde, ver a terra e conhecer as pessoas, tremer de comoção real. Cabo Verde fabrica o seu próprio chão, inventa a sua própria água, repete dia a dia a criação do mundo./Porém, se uma simples pessoa não cabe numa crônica, como caberiam um povo e um país?¹⁹

Dina Salústio, numa crônica cheia de poesia, oferece-nos uma síntese expressionista do mundo crioulo:

“Ao primeiro toque nada acontece: rochas escarpadas, vales profundos, ventos enlouquecidos no princípio dos tempos, mar revolto, praias infindas. Há também o sol. Eterno e impiedoso que nos queima o ventre, a terra e os cascos: os nossos e o das cabras, nossas de todos os dias. A certeza do deserto nas areias que voam livres pelos caminhos abertos.

Uma mulher passa. Um homem pára. Duas pessoas somente. Dez ilhas apenas carregando medos, dúvidas e sede.

Depois outro olhar e o impossível acontece:

Os muros de pedra, plantados por Deus, alongam o corpo, estendem os braços, agigantam-se até tocarem o céu e, a princípio tímidos e inábeis, depois ousados e sôfregos, acariciam os desejos sem dono, senhores das ilhas e das gentes que não lhes sabem o nome.

Ritmos de violência nas cores que dançam e desafiam o arco-íris e dão vida nova ao quotidiano de um ontem acinzentado; sons desconhecidos na morna e no batuque que gritam chuva. Apaixonadamente gemem por chuva. Urgentemente choram por chuva e se entregam à terra e às gentes na ternura quente dos corpos molhados.

Esquece-se o deserto, a solidão e a sede, e os homens e as mulheres milagrosamente reinventam ilhas para além do mundo, com as pedras das rochas nuas, o sal da água azul, o sol do céu vermelho, o querer dos desejos queridos.

Quem falou em impotência?

Cabras, meninos, flores e ondas gritam pela vida que desesperadamente se multiplica no eco das montanhas rudes.(...)

*São dez ilhas. Dez ilhas apenas, feitas de silêncios, saudades e sonhos”.*²⁰

Muito fica por dizer. Cabo Verde e a dimensão do trabalho de suas mulheres não cabem em nossa crônica...

Notas Bibliográficas:

**HOLLANDA, HELOÍSA BUARQUE DE (org). *Tendências e impasses:*

feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.14 (Prefácio).

¹ LOPES, BALTAZAR (org). *Antologia da ficção caboverdiana contemporânea*. Praia: Imprensa Nacional, 1960.

² LABAN, MICHEL. *Encontros com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.

³ Cabo Verde tem a sua Organização das Mulheres, a OMCV, desde 1981. Entenda-se aqui feminismo como um neo-feminismo, não excludente quanto aos pólos da relação homem-mulher.

⁴ SALÚSTIO, DINA. *Mornas eram as noites*. Praia: ICLD, 1994.

⁵ BETTENCOURT, FÁTIMA. *Semear em pó*. Praia: ICLD, 1994.

⁶ MASCARENHAS, MARIA MARGARIDA. *Levedando a ilha*. Lisboa: ALAC, 1988.

⁷ AMARÍLIS, ORLANDA. *Cais-do-Sodré té Salamansa*. 2.ed. Lisboa: ALAC, 1991; *Ilhéu*

dos pássaros Lisboa: Plátano, 1983; *A Casa dos Mestros*. Linda-a-Velha: ALAC, 1989. Em

plena pesquisa descobrimos uma outra autora, Ivone Aída Fernandes Ramos, com o livro de contos *Vidas vividas*, publicado pela OMCV, Mindelo, 1990, que corrobora nossas hipóteses.

⁸ RAMOS, IVONE AÍDA FERNANDES. *Vidas vividas*. Mindelo: OMCV, 1990.

⁹ DUARTE, VERA. Quotidianamente meu país. In:-. *Mujer*, Revista da Organização das Mulheres de Cabo Verde. 1 (março 1982), 2 (fev. 1984), 6 (julho 1984), 7 (julho 1984), s/n (jan-fev. 1985).

¹⁰ ALMEIDA, SARA. *Depois telefono*. Praia: ICLD, 1993.

¹¹ SALÚSTIO, DINA. *A louca de Serrano*. Praia: Spleen, 1998.

¹² _____. Os dois primeiros ensaios, IN:-. *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*.

Paris: Karthala, 1998. pp. 33-44 e 209-213. O terceiro, IN:-. *Mujer*. Praia: OMCV, abril-maio 1985, pp. 15-18.

¹³ DUARTE, VERA. O escritor caboverdiano hoje. In:-. *Pré-textos, Ideias & Cultura*. Praia, junho 1994, pp. 9-16. Número especial; / O Atlântico, estrada cultural, e a poesia caboverdiana do século XX, inédito, agosto de 2000, para o Encontro Internacional de Literaturas de Língua Portuguesa; *Nascimento de um mundo*. In:-. *Cabo Verde: Insularidade e Literatura* (1998), pp. 223-231.

¹⁴ AMARÍLIS, ORLANDA. In:-. *Nós: Revista da Lusofonia*. Pontevedra-Braga, 29-34: 55-60, 1992-3.

¹⁵ “Liberdade adiada”. In:-. *Mornas eram as noites*. pp. 5-6. Termo em crioulo grifado.

¹⁶ *Ibidem*, pp.61-2.

¹⁷ Entrevista a Simone Caputo Gomes. Praia (Cabo Verde), novembro de 1994.

¹⁸ IN:-. *Um certo olhar*. Inédito. Cópias cedidas pela Autora.

¹⁹ SARAMAGO, JOSÉ. “Cabo-verdiando”. In:-. *Jornal de Letras*. Lisboa, 731: 28-29, 14 de outubro de 1998.

²⁰ SALÚSTIO, DINA. “Cantar ... ou chorar apenas”. In:-. *Revue noire*. Cabo Verde. Paris, 10: 25, set-nov. 1993.